

# **SEGURANÇA URBANA: AUTORIDADES E INEFICIÊNCIA - 56 PEQUIM - UMA VISÃO DE SEGURANÇA**

**Aristoteles Rodrigues**

Professor e Psicólogo, Mestre em Ciência da Religião.  
Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa” da UFJF.  
[tote.rodrigues@terra.com.br](mailto:tote.rodrigues@terra.com.br)

A cidade de Pequim é monumental, com cerca de 14 milhões de habitantes, com predominância de prédios, muitos de pequeno porte (seis andares) e já um bom número de mais de 20.

A distribuição de tráfego se faz por seis anéis viários retangulares, não necessariamente concêntricos, a partir da Cidade Proibida; desses anéis saem avenidas e, destas, ruas. As quadras têm 600m de extensão, o que obriga a haver quadras dentro delas.

Em Pequim, estamos em um táxi, no Primeiro Anel (não é para ser em maiúscula, apenas destaque), uma avenida monumental: dirigimo-nos ao centro absoluto, a Praça da Paz Celestial, em frente aos muros da Cidade Proibida.

Nas pistas de direção contrária, homens fardados (policiais ou militares, ainda não distingo bem os uniformes) isolam meia pista e alguém, em nosso carro, comenta que deve ser para a passagem de algum figurão do partido, já viram isso acontecer antes. Embora do nosso lado as cinco pistas estejam ocupadas - além da sexta, que é uma ciclovia - o fluxo em que estamos é lento: o sinal abre lá na frente e fecha, antes que nosso carro ande.

Súbito, dois daqueles homens atravessam da outra pista para a nossa, no meio dos carros; quando chegam à calçada, nosso fluxo anda um pouco e eles riem. Por um instante, não se entende o que está havendo, até que eles voltam à pista e dirigem-se a um carro preto, com chapa oficial: um pára na frente do carro e o outro se dirige ao motorista, de vidro fechado.

A janela se abre, o homem fala ao motorista, recolhe papéis, examina e devolve-os. O carro segue, porque o sinal abriu. Em nosso táxi, alguém comenta que talvez tenham roubado um carro oficial, talvez estejam procurando com urgência por alguém do staff.

Ocorre-me que é curioso: com toda a burocracia do Brasil, policiais não se atreveriam a pedir documentos ao motorista de um carro oficial. Depois, lembro do Brasil sob o governo militar, militares fizeram-no, sim, naqueles anos de chumbo: nem

lá, naquele momento, nem cá, hoje, forças militares estiveram ou estão a serviço da nação. Esses homens, sejam policiais ou militares, estão a serviço do Estado, como nossos militares, naqueles anos, o estiveram. Ali, hoje, são os anos de chumbo.

No consulado da China, no Rio de Janeiro, a atendente brasileira foi enfática: eu teria que declarar os nomes de províncias ou cidades que pretendesse visitar. Desprezou copias de imposto de renda e de residência, que levei junto com o passaporte.

Em Pequim, no aeroporto, embora sejam 6h da manhã e o recinto seja fechado, estou usando óculos escuros, em virtude da forte iluminação; o atendente que examina meu passaporte pede com gestos que eu os tire. Tiro-os e, por um instante, ele examina meu rosto; em seguida, devolve-me o passaporte. Minha mulher está em outra fila, os dois não podemos avançar ao mesmo tempo. Passo para o território chinês, paro num balcão do outro lado e mostro minha mulher à funcionária, perguntando, com gestos, se posso esperar ali por ela. Posso. Em segundos, também ela é dispensada e seguimos para a saída.

Nossa bagagem foi desprezada, não despertou maiores atenções, ao contrário do que temia minha filha, preocupada com detalhes da minha, porque eu trouxe um numero considerável de comprimidos para gripe e congestão nasal, pelo alerta que havíamos recebido sobre o pouco efeito que os medicamentos daqui produzem em ocidentais. Também trouxe uma porção de CDs de bossa nova, para presentear. Ela temeu que pensassem que eu trazia para vender e isso poderia ser um serio problema para a minha entrada, podendo até gerar expulsão.

Nos dias seguintes, em Pequim, circulo à vontade; com freqüência, passamos por homens e mulheres fardados e em nenhum momento somos olhados com algo mais do que curiosidade. Quando não resisto à aparência curiosa dos militares - jovens, corpos ainda adolescentes, farda sempre larga demais para seus tamanhos, com cinta a apertar as calças que ficam franzidas, fiapos de bigode na face, ostentados com orgulho aparente, - no máximo sou cumprimentado. Será porque sou velho? Por que não tenho cara de terrorista ou coisa parecida? Por que o tigre, mesmo tendo garras, é de papel?

O transito parece caótico, aos olhos ocidentais: há permissão para dobrar à direita, sempre, mesmo que o sinal esteja aberto para pedestres ou para carros, que cruzarão com os que façam essa conversão. Mas todos sabem e todos seguem um ritmo, sem engarrafamentos e sem atropelamentos, com bicicletas, pessoas, motos, carros a cruzarem-se, a passarem um muito próximos dos outros,

A nota de maior valor aqui é de 100 kuai (ou yuan, nomes do dinheiro chinês); em estabelecimentos comerciais levemente sofisticados, essas notas e as de 20 e 50 são passadas em um leitor ótico, similar aos nossos contadores de papel-moeda - sou informado que falsificação de dinheiro é recorrente, por aqui.

O que vejo acontecer neste momento é um Estado militar, a permitir que pessoas aqui vivam, mas a controlá-las, movimento por movimento, usando sistemas de som e imagem que o façam parecer poderoso. Não o é, embora possa exibir garras e mesmo usá-las, se for preciso, como fez na Praça da Paz Celestial, ou em outras ocasiões. Mas poderá um Estado controlar mais de um bilhão de pessoas, com 56 etnias, dialetos e línguas diferentes e extensão territorial maior do que a do Brasil?

Interessa ao Estado a manutenção de Macau e Taiwan como províncias que permeiam o Ocidente e a China e, por isso, ali o tigre não se mostra muito - mas parece que a Macau e a Taiwan também lhes é interessante permanecer com esse status oscilante de autonomia relativa - novamente, a lembrar o Estado militar brasileiro, com

sua democracia relativa, ou, até mesmo, à teoria política golberyana de sístole e diástole.

Em mim, é recorrente associar tais coisas ao Mágico de Oz, que sugere ser enorme, ter voz poderosa, poderes especiais e aterrorizantes, mas (não sei se a memória me trai) é um homem velho, baixo, gordinho, meio careca.

Não se comparem China e Brasil, entretanto, porque a visão de mundo não é igual (talvez até o fosse, há 100 anos brasileiros: a revolução comunista acaba de comemorar seus 60 anos e, leia-se, o Estado chinês acaba de comemorar 60 anos. Será que em 1882, com 60 anos de Estado brasileiro, nós estaríamos emocional, física, administrativa e democraticamente à frente do que é a China, hoje?).

Reclamam, em volta de mim (não falo de chineses, falo de ocidentais) contra a destruição dos hutongs - vilas, com ruelas internas, casas decadentes, antigas - que darão lugar a edifícios de 20, 30 andares, que abrigarão mais gente, o que impedirá a cidade de expandir-se horizontalmente ao infinito, dada a maciça imigração dos interiores para a capital, fenômeno que não preocupa o governo, porque, quando crêem que a imigração chegou no limite, interrompem-na.

Por um lado, os hutongs representam a memória, a origem e mesmo a visitação turística. Por outro, a sujeira, a falta de higiene, a possibilidade de tráfico e de abrigo de criminosos (estarei falando de favelas brasileiras?). Um apartamento mediano, em área mediana, custa algo como 150 mil dólares, raramente menos. Imagino, sem qualquer base, apenas imaginando, que morar em um hutong seja bem mais barato.

No apartamento em que estou sozinho, tocam a campainha: duas mulheres jovens, com uma prancheta na mão, olham-me com curiosidade e perguntam alguma coisa em chinês. Dou a entender que não compreendo o que falam e elas insistem, sempre em chinês. Pergunto se falam inglês e uma responde "a little". Explico em inglês cuidadoso que naquele momento estou só, não falo chinês, estou de visita, ali mora meu filho.

Pergunta onde ele está e respondo "working"; o inglês delas é curto, não estendo o assunto. Pergunta quantas pessoas moram ali, respondo sempre objetivamente "three" e ela anota alguma coisa. Por fim, informo-as que ele estará em casa à noite, se quiserem falar com ele. Agradecem, ao modo chinês, com delicadeza, e vão. À noite, sou informado que se trata de uma fiscalização para saber quantas pessoas moram no apartamento, porque há imposto calculado sobre esse dado.

Em Beijing, há violência, mas não ao modo que concebemos no Brasil: o Estado reserva para si a quota de violência permitida, pune fortemente os que invadem sua prerrogativa e, se é verdade que a reserva da violência é prerrogativa de qualquer Estado moderno, ali ela é verdadeira, diferentemente da França, Itália, Brasil, Estados Unidos, de outros países, onde os nativos se arrogam o direito de praticá-la. É um Big Brother a proclamar, todo o tempo, que se deve trabalhar, casar, ter só um filho, pagar suas contas, cumprir as obrigações que são destinadas a cada um. Raros mendigos – sou informado que são deportados ao local de origem, quando pegos. Não há moradores de rua, serão presos, se não tiverem casa. Urina-se na rua, alguns lugares mais isolados por onde passamos cheira fortemente a uréia. Há prostituição, inclusive óbvia, seja em casas de massagem, seja em abordagens diretas a homens sós, nas ruas, sob o eufemismo de conversar em inglês ou coisa parecida.

O que se deduz é que a punição, aqui, seja usada ao modo foucaultiano: não se pretende punir o autor da infração, o escopo é prevenir os demais sobre o que poderá ocorrer-lhes, caso infringam as regras. É eficaz, mas o será para sempre?

Não é eficaz para sempre, como a história européia demonstrou, mas o Estado chinês não jaz adormecido, a crescer por inércia, tem modificado rumos e

tendências, parece buscar a maximização do que possui e do que pode fazer. E, se incidentalmente usa o modelo ocidental, pode inovar, criar, alterar, porque a realidade de sua nação é diversa das demais – talvez possa ser comparada à do Irã, que mantém as pessoas alienadas da realidade que as cerca, seja pelo controle da notícia (a enchente havida em Guizhou e o terremoto que atingiu Sichuan não foram noticiados pela mídia local), seja pelo alto grau de analfabetismo em suas populações.

Alguma coisa de lá poderá ser aproveitada aqui? É possível, porque o crime, em sua essência, é sempre a mesma coisa: atenta-se contra a propriedade e/ou contra a vida de terceiros. O que pode variar são os métodos, mas não ao infinito, porque as pessoas sempre terão a mesma configuração e os mesmos limites físicos.

De toda forma, não acredito que tenha havido observadores brasileiros no seminário que debateu formas de combate à máfia, no final de outubro último, na Itália, embora nesse caso as realidades sejam bem próximas.

[www.defesa.ufjf.br](http://www.defesa.ufjf.br)

**Universidade Federal de Juiz de Fora**

